

O ACADÊMICO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DO DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES
ANO II — Nº 14 — SETEMBRO DE 1976 — BLUMENAU — S. C. — Cr\$ 1,00



Bertolt Brecht mais uma vez

O sucesso é de Brecht. Um sucesso, que o acompanha, no Brasil, desde a sua primeira peça, de maneira que já se mesclou aos acontecimentos relevantes do tempo atual.

Assim, no próximo dia 4 de outubro, sob a direção de João Pedro Gil, começará a carreira de mais um espetáculo de cena seu no Teatro de Arena de Porto Alegre. Desta vez, trata-se de "As Canções de Bertolt Brecht", uma colagem das suas composições, com músicas de Macalé, Celso Loureiro Chaves, Kurt Weil e Toneco.

Com direção musical do próprio Celso Loureiro Chaves, contando ainda com um renomado elenco, a temporada será desenvolvida exclusivamente às segundas e terças-feiras no já conhecido teatro do Viaduto Otávio Rocha.

UNIVERSIDADE ABERTA

Para evitar o êxodo cada dia mais crescente de jovens que saem de suas cidades para procurar as universidades, a Colômbia e a Venezuela proporão durante a Primeira Reunião Latino-Americana e das Antilhas sobre Novas Formas de Educação Pós-Secundária que terá lugar em Caracas, de 20 de setembro à 2 de outubro de 1976, a criação de uma universidade aberta.

O diretor do Instituto Colombiano para a Promoção da Educação Superior, Pablo Oliveros, explica que deste modo se tentará satisfazer a grande procura de instrução superior que se observa no Hemisfério como também os gastos exigidos atualmente pela formação profissional.

Acrescentou ainda, que a universidade aberta, ou a distância, não substituirá a universidade tradicional, mas estará destinada a complementá-la com o uso de meios de comunicação, tais como o rádio e a televisão. Já o controle do aproveitamento dos estudantes será feito por correspondência.

Este plano, em sua primeira etapa, procurará preparar professores para o ensino primário e secundário, a fim de oferecer mais tarde melhores oportunidades em todas as profissões aos jovens latino-americanos. De imediato, a universidade aberta será realidade somente na Colômbia e Venezuela, mas estender-se-á a outros países do hemisfério sul, se seus resultados forem considerados positivos.

O Acadêmico: Um Jornal Literário

Correspondência

RIO DE JANEIRO — Tenho recebido com regularidade os números de "O ACADEMICO". Muito obrigado pela lembrança e parabéns pela façanha. Não é fácil fundar um jornal, e menos fácil ainda é mantê-lo vivo. Vocês e Blumenau estão conseguindo esse milagre, o que me deixa contente, desde que não posso me sentir indiferente ao que os jovens tentam fazer, e, de modo especial, quando se trata de jovens estudantes catarinenses. Estudei em Blumenau, e Blumenau pertence, por isso, e por tanta coisa mais, à minha vida. Acompanho, desde pequeno essa cidade, e ela me tem, ao longo do tempo, me concedido horas de entusiasmo e horas de grandes decepções. Não posso parar de amá-la. Você e seus companheiros não eram nascidos, quando eu já tinha respirado muitas vezes a Capital do Vale, e, talvez nem possam me entender, quando digo o que acabo de dizer. Houve horas privilegiadas, tantas, como, para citar apenas um exemplo, as que nos conduziam, os alunos do Colégio Santo Antonio, nas noites de domingo, à antiga matriz, para ouvir Bach, que um ótimo organista, que era nosso professor de matemática, ficava tocando uma porção de tempo. E, houve horas estúpidas, em que a cidade me deu o espetáculo de uma incapacidade deplorável de sustentar uma coroa de grandeza ou de manter-se ativa. Mas, não posso parar de amá-la, e nunca pude deixar de amá-la. Sacou? Não sei. Quando a gente ama não pode sucumbir a decepções, nem pode, por outro lado, estrangular o desejo de que os gestos da coisa amada sejam sempre de beleza. É possível que, neste ponto, as nossas maneiras de ver e de sentir diverjam. Sei lá? O editorial do número de julho do jornal de vocês, por tantas razões digno de louvor, me ajuda, de certa forma, a vislumbrar a causa dessa possível divergência. Não posso — seria preciso, para tanto, desaprender algumas coisas muito importantes que a vida me ensinou — não posso, repito, fazer de conta que não vi o equívoco, que para mim, existe nela. Não posso passar por cima desse engano. Se eu estiver errado, paciência; o tempo há de mostrar que errei. Mas, meu caro Olsen, por tudo que escrevi no começo desta carta, não seria amigo se tomasse a decisão de me calar, de não lhe dizer, agora, que a tese defendida no referido editorial, me surge velha demais para ser defendida por gente moça. Uma distinção entre prosa e poesia, ou, entre poesia e ficção, não me parece consistente, nem me parece ter energia para durar muito. A literatura, segundo essa tese, é uma coisa efêmera como, por exemplo, as opiniões da revista "Fonfom", de alegre memória. A real importância de um gênero literário não pode ser medida pelo número maior ou menor de seus leitores. Garanto que a Orestíade, de Esquilo, que, hic et nunc, pode estar sendo lida apenas por dois ou três jovens e por um ou dois velhos, deixa longo a obra inteira de Brecht, e será lida com entusiasmo quando se disser que Brecht já era. Você não concorda? Há recados e recados. O Dom Quixote, obra de ficção, enriquece tanto e torna tão importante a literatura da Espanha, quanto a Divina Comédia, poesia, a literatura italiana. Que a situação constatada no editorial seja a de hoje, pode ser verdade, é ver-

dadeiro mesmo, mas, até certo ponto. O que não posso aceitar é que os jovens caiam na de que, dada uma situação, aparentemente inegável para tantos, seja preciso advertir ou seja preciso impor nos escritores a convicção de que, para contribuir, hoje, para a importância de nossa literatura, seja necessário compor obras de ficção e deixar de lado a composição de poemas. O mínimo que me sinto levado a informar é que a maioria e os melhores leitores de poemas, hoje, aqui e noutras partes, são os jovens. Quem parece não mais sentir um poema é justamente o homem que está ficando para trás. Sorá que os civilizados têm como destino afirmar como coisa que acaba com velhas tolices e velhos preconceitos as coisas exatamente que não acabam com nada, a não ser aparentemente, e nas conversas instrutivas e civilizadoras, que, tempos atrás, aconteciam nas portas de farmácias de todas as cidades do mundo?! Seria muito besta se apenas o lugar tivesse mudado, e as conversas civilizadoras acontecessem, hoje, nos lugares de reunião de estudantes, ou nas páginas de seus jornais. Também não se pode apelar para a comunicação tão nova e atual como a TV, vou dar, de repente, com um trecho de poema de Cecília Meireles comunicando mais eficientemente que um trecho super-atual de um ficcionista. Você já teve oportunidade de constatar isso? Experimente e verá. E, tem mais, em festivais onde os jovens com vocação para fazer teatro dizem, no palco, textos de nossa literatura, foi possível constatar — um paradoxo? — que, ao escutar um trecho do Romanceiro da Inconfidência, a gente estava escutando uma coisa muito mais revolucionária que Morte e Vida Severina, de João Cabral. Com isso não estou lhe dizendo que gosto mais de Cecília do que de João, nem que os dois não sejam, ambos, ótimos poetas. O que gostaria que você soubesse é que, muito amigavelmente, quero perguntar a você e ao "O ACADEMICO", se não acham que o jeito é seguir cada um a sua vocação, e prosseguir compondo, com o mesmo entusiasmo, com a mesma alegria, livros de poemas e de ficção. Você não acha que esse negócio de controlar remotamente o que pode e deve ter escrito, seja dessa ou daquela maneira, entra em contradição com a maioria das proclamações que nos informam dos desejos dos jovens estudantes? Os grandes poetas e os bons poetas não se tornam cada vez mais raros: eles foram sempre muito raros, e, periodicamente, aumentam ou diminuem seu número, como acontece, aliás, com ficcionistas e artistas de todos os gêneros. Falo tudo isso com muita liberdade, pois tenho, na gaveta, alguns livros de ficção. Talvez seja por ter as mãos metidas na massa, que me tenha

convencido de que há coisas que só podem ser comunicadas num poema, como há coisas que só podem ser comunicadas numa obra de ficção. Um dos perigos de civilização e dos civilizados é cair na de que se pode comunicar realmente alguma coisa friamente. Só o amor, seja qual for o degrau em que estiver, pode comunicar realmente. Os civilizados, hoje, parecem não saber disso ou não querer tomar conhecimento desse caminho mais difícil. Se assim é, acabarão entrando pelo cano. Será que a situação de nossos dias ordena prepotentemente, com a mesma gana com que despreza o adverbio tradicionalmente, que não se escolha o caminho mais difícil? Mas, Senhor, só o caminho mais difícil é o mais suave. Ou, se você quiser maiores explicações: Comunicamos coisas mais importantes, quanto, comunicá-las, é, para nós uma coisa suave. Sem sacrifício, não pode haver alegria. Estou falando coisas loucas? Mas as coisas são desse jeito. Hoje o que veio à luz — se é que hoje é que veio à luz — é a inexistência de uma fronteira definida entre poesia e ficção, ou, entre poesia e prosa. Me perdoe a veemência — a verdadeira alegria de nossa juventude é eterna — é que não me sinto incapaz de errar nem, consequentemente, capaz de não dar importância às opiniões alheias, de jovens, de menos jovens, ou de velhos. De repente, vejo que o órgão de divulgação do Diretório Central dos Estudantes, de Blumenau, tem importância para mim, pois que escrevi esta carta, para, como amigo, fazer-lhe uma pergunta. Essa pergunta são tantas. Se, como lhe disse, nunca pude deixar de amar Blumenau, pergunto: Quem fez Blumenau? Muita gente, é certo. Um apaixonado pela civilização foi o seu fundador, é certo. Que lhe sejam dadas a honra e a glória devidas. Mas, quem a fez, tanto ou mais do que ele, foi a cultura dos seus habitantes, e ela é o resultado de uma dosada mistura de culturas feita por tanta gente: seus líderes e seus moradores.

Fiz uma pausa e reli o editorial. Creio que possa ter sido nesta carta um mau intérprete do que o editorial afirma. Se assim é, o jeito é reconhecer meu engano. Seja como for, que seja esta carta, apesar de ser um protesto contra frases como: a poesia enquanto gênero literário perdeu a sua vitalidade... Ela passou de gênero maior a gênero menor (se o critério para a afirmação disso for a situação e o número de leitores, mantenho plenamente o meu protesto), uma carta de parabéns, de agradecimento e de estímulo.

Continue, por favor, me mandando o jornal, e receba o meu abraço.

(MARCOS KONDER REIS)

EXPEDIENTE

FUNDADORES — Oldemar Olsen Jr.
 Maria Odete O. Olsen
 Fred Richter
 Domingos Sávio Nunes
 Jose Luiz Dias de Souza

DIRETOR E REDATOR RESPONSÁVEL

Oldemar Olsen Jr.

REDATORES — Maria Odete O. Olsen, Fred Richter, Domingos Sávio Nunes, Jaime Monney Kempinski, Afonso Pabst Neto, Sérgio André Zanin, Carlos Alberto Ramos Schmidt, Roberto Diniz Saut, Sílvio Borges de Jesus, Artêmio Zanon, Carlos Eduardo de O. Bastos.

COLABORADORES — Hans Bachl, José Roberto Rodrigues, Wilson Lang, Reni Becker Filho, Inês Mafra, Luiz, Carlos Adauto Vieira, Abel A. de Souza, Pedro Grisa, Enéas Athanázio, Moacyr Gomes de Oliveira.

EDITORIAL

Somos opositores as definições no campo ficcionista onde qualquer conceito limita a criatividade do autor, quando, ao preocuparmos com os caminhos e situações da literatura atual em Santa Catarina, permitimos escapar certos substantivos e comparações, na verdade, estávamos emitindo sentimentos próprios e necessariamente particulares. Se alguém identifica-se com os fragmentos dessas desambulações, ótimo, isso pode gerar uma discussão interessante.

Não pretendíamos conceituar e nem fazer distinções entre poesia e ficção, apenas aventar um problema que é real e pode ser facilmente constatado; a ficção está sendo mais lida que a poesia. Não estamos desestimulando os poetas e nem estimulando os ficcionistas... Queremos chegar às origens da problema, propondo um debate e estamos conseguindo. Que a ficção está sendo mais lida que a poesia é ponto passivo; agora, porque a poesia não está sendo lida tão intensamente?

A razão da Imprensa Universitária

Depois que foram desfeitos os "focos de ebulição" universitária que marcou todo o país em 1968, onde entidades de representação estudantil foram fechadas em todo o país, as atividades universitárias foram enquadradas numa legislação rígida e de controle.

O decreto lei nr. 477, era criado em 1969 e punia com expulsão e suspensão por três anos de matrículas em qualquer universidade do país o acusado de atuação subversiva. Isso levou a acúmulos de exageros de interpretação que gerou um clima de apatia e timidez cujas causas atualmente ainda se notam. O universitário parou de produzir no país inteiro e se produzia, quando produzia alguma coisa, era de pouco ou de nenhuma relevância. Bom, se no início foi o medo que boicotou a criatividade, logo se estabeleceu um clima de comodismo e alienamento. O que se dizia era através de fugas (a dos hippies, por exemplo) ou infantilismos e falsas despreocupações.

Mas, as coisas começaram a mudar e estão mudando. Ora, como disse o ministro na época, Jarbas Passarinho "o estudante não pode ignorar os problemas do mundo em que vive. Sua participação requer o pressuposto do conhecimento das grandes causas em jogo no mundo contemporâneo. E', pois, absurdo recomendar-lhe que esqueça as injustiças sociais, as chagas do subdesenvolvimento, as contradições da sociedade em que vive, e sobretudo, as incoerências do sistema educativo de que dependem seu presente de estudante e seu futuro de profissional".

E não esquecendo essas incoerências que eram tão evidentes a dez anos atrás, não esquecendo essas incoerências tão bem alimentadas até nossos dias atuais, onde ainda somos governados por um império de desacordes e desacordes, pelo menos é assim que nos soam em nossos ouvidos de estudantes, novamente está-se despertando. Um novo despertar. Batalhado na terminologia de ficção, nos versos de poesia científica, nas orações de prosa política; com cuidados, com respeito, sem subversões mas falando. E' uma nova imprensa que está atuando.

A imprensa universitária tem como missão ou objetivo imediato, conscientizar. Mas se ficássemos somente nisso seríamos muito utópicos, fantasiosos e nossa mensagem não teria senão o entusiasmo da juventude a ilusão de um mundo cor-de-rosa ou a ilusão do ensino pedagógico que nos é ministrado. Portanto que fique registrada essa conscientização teóricamente uma vez que na prática tenta-se.

E é assim que está-se tentando, que está-se falando dentro das universidades brasileiras, (das que temos conhecimento).

de São Paulo, o JORNAL HA GENTE — "Não sabemos até quando, mas pretendemos seguir, tal qual muitos por aí, sobrevivendo de teimosia, não sendo aquilo que voce espera, talvez, mas tentando fazer aquilo que sempre sonhamos..." também de São Paulo, MANHA — "Dentro da filosofia de Mac Luham, que o mundo é uma aldeia global, mantém suas doze páginas para que o universitário use a imaginação e desperte a sua criatividade"...

do Paraná, o jornal CAPOEIRA — "Sendo a universidade um depósito de teorias velhas e ultrapassadas como vamos apreender a conhecer nossa realidade. Ficamos na mediocridade de livros, textos e manuais que não nos ajudam a descobrir novas idéias... efetivamente, embora a apreciável importância da nossa passagem pelo curto período de vida universitário, são poucos ainda os que dedicam-se a procurar a compreensão deste meio, assim como poucos são os que ao menos tentam participar dele..."

do Paraná, O CAO FAMINTO — "Onde estão aqueles jornais estudantis que empoigam a gente? Onde estão os caras que vão reivindicar, brigar mesmo por melhorias favoráveis aos estudantes e que elevem o nível de nosso ensino?" de Minas Gerais, o jornal VALLE'ENTAO — "oferecer ao estudante "quase sempre tão desinformado", e às pessoas dedicadas ao estudo, as dicas mais certas e oportunas para que possam integrar-se a um determinado processo de evolução".

de Santa Catarina, o jornal PANORAMA ACADEMICO (de Chapecó) — "E' claro que estamos assumindo um RISCO muito grande, nós sabemos disso, mas temos por norma que, no momento em que se fala de comunicação, a rotina e a quietude não nos levam muito longe".

de Santa Catarina, VISOR (de Brusque) — "E' necessário e urgente, a formação de professores, que de fato, tenham capacidade para ensinar nas suas devidas especificações". de Santa Catarina, PINGENTE (de Florianópolis) — "A alienação dessa juventude frente a uma cultura importada e comercializada e frente a essa realidade aguda, cheia de contradições sofridas que vos agride todos os dias, leva depois de passada a fase crítica (a juventude) a um conservadorismo dirigido a favor de interesses particulares e não de uma melhoria global da sociedade".

de Santa Catarina, O ACADEMICO (de Blumenau — terceira menção honrosa nacional do premio Parker de Jornalismo Estudantil-75) — "Os jogadores de sinuca que me perdoem, mas a participação é fundamental..."

Tudo conspira e objetiva o descontentamento à sociedade refletido no ambiente estudantil. E realmente poucos chegaram a conclusão da nulidade em lutar por tão altos objetivos com tão nulo apoio. Mas tudo é válido quando visa melhorias. Até "despertar para à leitura de autores do próprio estado ou o escritor catarinense"; afinal, não deixa de ser algo novo e repleto de aventuras.

**CALCULADORAS CIENTÍFICAS
E FINANCEIRAS**

HP-21 HP-22 e HP-25

**ARTIGOS PARA DESENHO E
TOPOGRAFIA**

CÓPIAS HELIOGRÁFICAS

E XEROX

ENGECOP — MATERIAIS TÉCNICOS LTDA.

Rua Nereu Ramos, 157 — Fone 22-2296 —

Blumenau — Santa Catarina



MÚSICA... SEMPRE MAL ENTENDIDA !

2º Festival Universitário da Canção

A PRIMEIRA COLOCADA, VIOLA VIOLEIRO, UM RESULTADO JUSTO

Ridículas e sem propósitos são as discussões giradas em torno de validas ou não da realização do festival da música universitária. Numã terra como a nossa onde para tudo existe moldes e rigores ou valores pré-estabelecidos, onde a mentalidade universitária se restringe a uma bem orientada mentalidade capitalista, louvores sejam dados a esse acontecimento. Pois somente dessa forma conseguiu-se alguma coisa daquilo que é sempre aqui tão batalhado — a integração.

autor) de Florianópolis, usou como temática o homem da Viola Violeiro de Alisson Abreu Mota, (compositor e plantação, esse realizador esquecido, que plantou com o seu trabalho e dedicação as bases do nosso cotidiano.

E revestiu de poesia, a rotina suja e sem gratificações desse soldado da plantação, fazendo-o a noite, antes de rezar o dia, dedilhar a viola na hora da Ave Maria, calejado, uma canção falando no amor da mulher amada. Dessa forma, "antes do sol nascer

enxada: bandeira na mão
o homem da plantação
é soldado da plantação
Viola Violeiro vamos cantar
Viola Violeiro o dia raiou
Na hora do meio dia
oração depois da refeição
opção nossa de cada dia

acompanha arroz e feijão
Viola Violeiro
vamos cantar
Viola Violeiro vamos cantar
Viola Violeiro o dia se foi
A noite rezava o dia
Viola em mãos calejadas
Dedilham uma canção que fala
No amor da mulher amada
Viola Violeiro vamos cantar
Viola Violeiro à noite chegou
Viola Violeiro

Viola Violeiro", podemos concluir que não é difícil de tematizar o subdesenvolvimento que nos voltaia que teima em sobreviver. O mais difícil é a coragem para falar de uma estrutura que mantém o nosso "sistema" funcionando maior coragem ainda, é musicar essa letra e apresentá-la ao público.

O universitário que tem uma visão crítica de tudo, o universitário acomodado, o universitário isso e aquilo, mas sobretudo consciencioso de que existe algo mais para ser mostrado... futuramente, as letras de protesto, as mensagens sociais é que sobreviverão; não, enquanto rimarmos café com pé...

KOISCE'S

(Tito Vile II)

PROCURA-SE

Um estudante que atende pelo nome de "MAGRO" (Arlindo 2º semestre Civil) está desaparecido, segundo testemunhas, o jovem estava prestes a dar um espirro, e após mesmo, desapareceu! Mas estudando melhor o seu cognome, notamos que os russos estão certos, estão investigando um objeto estranho em órbita lunar. Moral: espirrou-voou.

UMA PIADA RESISTENTE:

Aula prática de resistencia dos materiais I; se pratica tanto que o professor não tem tempo nem de respirar.

SUGESTÃO DO MES:

WC portátil para cachorro — Suspensório para uma perna.

AINDA O CRÉDITO EDUCATIVO

O crédito educativo causou um trauma tal no Renato (Eng. Química 2º semestre) que quando foi assinar o contrato na Caixa Econômica Federal, errou a porta e foi parar num cubículo (??) de uma loja ao lado, e ainda saiu falando que estava fechado.

FESTIVAL

2º Festival do Ruído — (roeram o som) — Inscrições comígo até a próxima microfonia.

KOICE ECOLÓGICO

No rio grande do sul houve um corte de 3.500.000 pés de eucalipto, para no local ser construída uma refinaria de petróleo; Sabem o que o governo do estado disse a respeito????
"Nada!!"

PAPA-FILA

Na Garden-City o único lugar que se faz fila é para jogar na loteca.

ANO 2000,5 DEPOIS DE FORD

Filho — Pai? o que é cobra?

Pai — Cobra é um rabo autosuficiente

Filho — Não é esse cobra que eu quero saber, o que é um cara cobra?

Pai — Cara cobra é um Robô autosuficiente.

HERÓI DO MES

O herói do mes é o "peninha" (Clovis, Eng. Civil 7º s.).

Numa churrascada e chopada da turma do 7º semestre da civil, resolveu-se aperetivar com linguicinha, mas alguém sugeriu fazer uma homenagem e com a mão no peito cantar o hino nacional, acontece que jovem acima referido já estava com a mão no "da vizinha.

UMA VÍTIMA

O pai do "Barnei" (Eng. Civil 7º s.) comprou terno para a formatura do filho mas segundo pesquisas feitas, o velho terá que reformá-lo, mais de uma vez.

DIA DA ARVORE

Aproveitando o dia da árvore e todas as autoridades presentes (Civis, Militares e Eclesiásticas) além de alguns furbolinos, um aluno muito conhecido, da Eng. Química 8º semestre. Tomou suas mudinhas da "moita" e plantou-as, para perpetuar a espécie e assim dar seu tributo a posteridade.

CHARADA

Um Filme antigo — Vera e Max da Eng. Química 8º s.

KOICE DEMOCRÁTICO

Sua Exa. o Presidente da República viajou este mes ao Japão e posteriormente, dia 24, a capital da "Germânica". (Além Fronteira).

PENSAMENTO DO MES

"Com crédito educativo? Tudo Bem!

ERRATA

Fazer Engenharia é uma "CORERIA" — Iolanda.

ACADERNO ESPECIAL

AS MELHORES MATÉRIAS

Precisamos de nossos erros para lembrarmos-nos de que somos humanos. (O. O. J.)

Reminiscências proibidas de um ex-bibliotecário

Cumpri a tarefa. Fui bom bibliotecário e melhor poeta.

O Poeta é o poema. E o poema é universal. O xeique Nefigui, poeta do Sultão, por graça e magnimidade de Alá, com a benção de Maomé, o Profeta, afirmou:

"Bendito o Ser amado por um Poeta".

Mas os brutos rasgam a Poesia, evocam o Direito, declaram a Guerra e empunham a Espada.

A universidade do poema exige o domínio universal da Poesia. Nenhuma Poesia pode permanecer em si ou dedicar-se apenas a um ser. Quando ama a mulher e todas as mulheres do mundo, embora um protótipo ideal eternize na Poesia a Deusa.

A Deusa deste Poeta é a Neusa.

O Poeta está só. Peregrino. Distante da Neusa,

Apaixona-se. Para disfarçar a solidão, acompanha-se dos entes dos campos floridos, e o Ato de Amor é Em nome de Nós.

ATO DE AMOR

EM NOME DE NÓS

Querida

Nós

entes dos campos floridos
salmos hárpicos que à musa canta
sôfregas peregrinações dos sofridos
refúgio dos corações em dôr

ínfimo do átomo
amplitude do cosmo

átimo do instante

eterno do infinito

calma do nada

onipotência do todo

singular do sorriso

convulsar do riso

âmago do amor

Te amamos

Heitor Cândido de Oliveira

ROTINA

(Carlos E. O. Bastos)

Univ. Federal do Paraná

A Rotina agre da vida
Por muitos despercebida,
Tornou-se um mal agudo
A peste que contamina tudo,
A doença moderna do mundo
O incrível tédio profundo,
Que deixa os mesmos ideais
Os mesmos capítulos finais
Nas mesmas estórias fúteis,
Dos mesmos caminhos inúteis...
Vejo sempre dias enfadonhos,
Que acalentam sempre os mesmos sonhos,
Sempre esta mesma existência,
Sempre a mesma demência,
Sempre o mesmo marasmo,
Sempre o mesmo sarcasmo,
Sempre a mesma uça vã,
Sempre o mesmo débil afã,
Sempre a mesma infelicidade,
Sempre a mesma inútil saudade,
Sempre a mesma senil lembrança,
Sempre a mesma eterna esperança...



APIS

Projetos: Arquitetônicos
Elétricos
Hidro-sanitários.

Venha "criar" conosco.
Rua XV de Novembro 1464
— Fundos — Blumenau.

A cultura existe porque nós existimos

ACATALEPSIA

Chão da mágica presença,
 Momento próprio da individualidade
 Na hora da causa perdida para a vitória
 No instante da destruição para a reconstrução
 Emergi do abismo dos sonhos começados
 Da loucura dos santos em homens forçados
 Do asco depois da saturação do universo.
 Chão devastado e silencioso
 Do ritmo, da estrutura profunda baseada
 Em cânticos solenes dos tempos caminhados,
 Chão da força manifesta
 Das águas, da correnteza arrastando os jovens,
 Aqueles homens, mulheres, crianças,
 Que na impaciência dos embates estéreis
 Passam perplexos e insensivelmente
 Para o mais além dos rios,
 Chão de profecias criadas e realizadas,
 Chão de amores vividos e não logrados,
 Traduzi os teus sulcos já tão macerados
 Na sensação espantosa de um novo milagre.
 Chão da mágica presença,
 De uma força psicológica criadora,
 Explodi em cor, pele, crença e alma
 Sem qualquer pretensão de inventar
 Chão da mágica presença,
 A maneira dos mais puros primitivos,
 Há em teu intimo todo um clima de sentir,
 Chão da mágica presença,
 Linha, forma, conteúdo e dor,
 Pretextos de fachadas conduzidas e depuradas
 Composto o imponderável de um corpo atual,
 Explodi em cor, pele, crença e alma,
 Para ser das grandes e complexas abstrações
 O enquadramento final de teu mundo
 Arrastado, à um mínimo expressivo
 De minha razão de ser,
 Chão da mágica presença,
 Explodi em Homem,
 O próprio reflexo desse mundo.

(FRED RICHTER)

Kafka -

Nenhum outro escritor revelou-se tanto através de sua obra como Kafka; este livro questiona algumas atitudes do escritor e atribui o comportamento bom como a situação de seus personagens como sendo fruto exclusivo dos elementos psicossociais que atuaram na infância de Kafka, originando certos complexos e sublimando um conjunto de ações caracterizadas e tidas como femininas.

"Os psicólogos modernos afirmam que o temor ao pai hostil tem o poder de transformar o filho num tímido, numa pessoa incapaz de evoluir com um ser normal, de afirmar-se física e mentalmente.

Todos os psicólogos modernos reconhecem a existência dos pais castradores, pois que mutilam a personalidade dos filhos. E sobre isso Freud pesquisou e esclareceu de forma clara e precisa, e é, nos dias atuais, inadmissível que homens de cultura ainda procurem desconhecer a verdade dos fatos psicológicos".

As atitudes passivo-feminina do filho frente ao pai, torna-os extremamente dependentes e, por si só, incapazes de tomarem qualquer iniciativa durante uma vida inteira.

Kafka sentiu todos estes problemas no seio de sua família e, em Carta a Meu Pai, manifestou-se assim: falando sobre o casamento, ao que julgava, iria libertá-lo.

Noticiário A.C.E. - Associação

Sede Provisória: Rua Bento Gonçalves, 18
 88.000 — Florianópolis — S.C.

Resultados do III Encontro — Lages: 10 a 12-09-76

NOVA SEDE

1. Conforme decisão da Assembléia Geral ficou estabelecido o seguinte: a Sede da Presidência da ACE será definitivamente em Florianópolis, por motivos práticos, com uma Secretaria-Executiva, constituída pelos escritores João Paulo Silveira de Souza e Osmar Pisaní, respectivamente Vice-Presidente e Conselheiro Fiscal.

CONFERENCIAS

2. Em sua conferência sobre "Os Direitos Autorais e a Remuneração dos Autores", o escritor Carlos Adauto Vieira salientou a necessidade de uma reivindicação neste sentido propondo a edição de um grande número de exemplares, "pois só o fato de ser uma grande tiragem, já desperta a curiosidade do leitor".

3. O poeta Osmar Pisaní em extensa análise do poema catarinense, com base na teoria da informação e partindo de tres categorias definidas: Semana de Arte Moderna, Grupo Sul e a Cultura Catarinense a partir da colonização, configurou tres planos do poema vigente em Santa Catarina:

- a) Um Grupo que dá prosseguimento ao verso tradicional, articulando os temas da vida, do amor, Deus, flor, etc.;
- b) Outro que, através de uma linguagem mais elaborada determina um tipo de poema metafísico com incursões surrealistas;
- c) e o terceiro que se movimenta junto às teorias de vanguarda iniciadas pelo Modernismo, passando pelo Concretismo e Poema Processo, com variantes experimentais no campo visual.

LANÇAMENTOS

1. Alcides Buss — "Ahsim" — poemas

O outro

HOLDEMAR DE MENEZES

"Mas, em realidade, as tentativas de casamento foram ensaios de salvação mais extraordinários e cheios de esperança, como extraordinários na mesma proporção foi certamente depois o fracasso".

Em outro trecho, ainda pergunta:

"Por que, então, não me casei? Havia, como em tudo, algumas dificuldades, mas a vida consiste exatamente acéfalas. O obstáculo fundamental, independente, por desgraça, do caso isolado, era que de forma ostensiva sou espiritualmente incapaz de casar-me. Isso resume em que, desde o instante em que tomo decisão de me casar não posso já conciliar o sono, a cabeça me arde de dia e de noite, já não é vida, cambaleio desesperado de um lado para outro".

Kafka teve a consciência do problema que o deprimia e o tornava um ser incomum; lutou, combateu a vida inteira, sem, no entanto, superar o mal; Holdemar Menezes, ilustre escritor catarinense, analisa e mostra um caso obscuro da personalidade Kafka; sem pretender esgotar totalmente o assunto, apenas tentando acrescentar nova luz sobre um velho tema.

É um ensaio interessante.

ARTÊMIO ZANON: A Execução da Lavra

Zanon é, como tantos outros, um poeta para quem o mundo exterior existe — mas existe, já agora, a esta altura do século XX, sob a forma ao mesmo tempo discursivo e real, caracterizado pelo objetivismo, isto é, excessivamente cerebral, e no qual o homem, à força de não querer dizer nada, se volta em substância, ao tema fundamental que é o destino e a vida, a forma de vida, o tempo e a passagem inexorável, interpretando o seu trabalho e suor e procurando captar a "poesia" das coisas. E A Execução da Lavra, é, pois, não apenas a poesia "da região das minas", no sentido de que se encaminhava para a única saída que, à primeira vista, poderia reconduzi-la à "utilidade" expressiva, quero dizer, o artesanato puro e simples — o poeta aqui, comunica toda uma atmosfera de realização, de expressão sobre o fato exterior que se fez objeto — mas, por sorte, também a poesia posterior às volutagens concretistas e derivadas, aos exercícios perigosos mas gratuitos do picadeiro poético.

Enfim, mesmo atravessando ainda a linha invisível que separa da idéia discursiva a idéia poética, é claro que um homem inteligente e sensível como Artemio Zanon sempre conseguirá escrever bons poemas, de que há vários nessa obra.

(Fred Richter).

o Catarinense de Escritores

2. Raimundo Caruso — "Poema para Uma Certa Canção"
3. A Execução da Lavra — poemas de Artemio Zanon
4. Liberato Pinheiro — "Prefeitura, Comunidade e Educação", Ensaios
5. Juarez Furtado — Opinião Positiva — Ensaios
6. Ma. L. R. Krieger — Comunicação e Expressão Através do Conto".

PLANO DE TRABALHO

1. Registro dos Estatutos
2. Pagamento da anuidade
3. Confecção de um Noticiário
4. Aquisição de material de expediente: envelopes
papel officio
selos
stencil
pastas, etc.

5. Ver coluna em Jornal para a ACE
6. Plano de novos associados
7. Gestões para uma sede
8. Levantamento de todos os escritores de Santa Catarina
9. Realização de um Seminário sobre "Cultura Catarinense".

ANTOLOGIA

Pretende-se elaborar uma Antologia dos Escritores da ACE, bem como, através de um levantamento, promover o autor jovem catarinense com a impressão de um "PANORAMA DA POESIA CATARINENSE".

PAINEL

1. Lançado o Jornal "DESTERRO" em Florianópolis sob a direção dos escritores Emanuel Medeiros Vieira e Raimundo Caruso.
2. O escritor Péricles Prade lançou em São Paulo seu 40 livro de poemas: "NOS LIMITES DO FOGO".

Secretaria-Executiva: — Silveira de Souza
Osmar Pisaní

O Deserto É Fértil

—) (De D. HELDER CAMARA)

Há homens cujo crescimento humano é tamanho que chegam a acreditar na fertilidade dos desertos. Não raras vezes são perseguidos e sacrificados por causa de sua luta sem salário. Não são mercenários; se o fossem abandonaríamos seus postos após os primeiros reveses. Não são de meios termos — sua presença incomoda ou cativa. Lutam única e exclusivamente porque tem o coração cheio de amor e de verdade. E sabem: a verdade nunca triunfa, mas seus inimigos perecem; é preciso que alguém a conheça e a viva para mostra-la quando for possível. Mais importante que vencer sozinho uma luta pertencente a todos é dar o máximo de si.

Mas que luta é esta na qual todos deveríamos estar interessados? Que luta esquisita é esta para a qual são chamadas todas as minorias humanas, sem distinção de sexo, cor, credo, ideologia, nacionalidade ou costumes? Será que se pretende colocar sob o mesmo signo e bandeira os mais excêntricos seres entre si?

Todos os que "sentem, no íntimo, o desejo de responder às qualidades que possuem, aqueles a quem o egoísmo parece estreito e irrespirável; aqueles que experimentam fome de verdade, de justiça e de amor", estes pertencem às chamadas Minorias Abraâmicas. São estes os convocados a engrossar as fileiras dos não-violentos. Estes são os chamados a crer na sua consciência universal, aquela consciência que toca e sensibiliza os que ouvem o clamor dos oprimidos.

Mas todo aquele que sai de dentro de si mesmo e se lança como ponte a ajudar os outros, prepare-se: a caminhada das Minorias Abraâmicas se faz através do deserto. Não espere ajuda; os que tem dois goles d'água dirão que precisam de quatro. "Tem-se a impressão de falar no deserto. Tem-se a sensação de que vêm falando no deserto todos os que, através dos séculos, se preocupam com a justiça. As injustiças se alastram e se aprofundam. Cobrem mais de dois terços da terra. Só as pedras escutam. Ou homens de coração de pedra. O cansaço vai passando do corpo à alma. E cansaço de alma não tem comparação com os mais pesados e terríveis cansaços do corpo..."

É nas Minorias Abraâmicas que está depositada a força que poderá fazer crescer a consciência humana ao ponto de mostrar o ridículo das relações internacionais entre os grandes blocos como os EUA, URSS, China Popular ou o Mercado comum Europeu, enraizadas no egoísmo mais arasso. Neste egoísmo está, tacitamente repousando, a ordem para que as cabeças individuais estejam sempre muito ocupadas de laser

e os estômagos levemente enganados na letargia de pelo menos um pouco de arroz. Neste egoísmo dorme, também engavetada, a extrema necessidade de existir regiões empobrecidas dentro e ao sul das super-potências. Se há necessidade de uma ação, ascendente, dos pequenos contra os grandes, não se poderia mesmo pretender que fosse uma ação armada. A arma dos não-violentos é a verdade. "Quem tem duas túnicas, venda uma e compre espada. "Até hoje persiste a dúvida: será que para Cristo espada era espada mesmo, ou se referia ele ao fio que pode ter a língua? Como era pensamento do Bertold Brecht a respeito da verdade (1934), é necessário agarrá-la, prende-la, vive-la, achar provas que a sustentem, ter astúcia ao divulgá-la, e, sempre que der, esfregá-la no focinho de quem não a entende.

"Não falta quem sustente, tranquilamente, a impossibilidade prática de permitir que não-técnicos tumultuem planos indispensáveis ao desenvolvimento. Não falta quem pense na necessidade de governos fortes; que prescindam de Congressos ou os reduza a meros órgãos homologadores; que controlem a Universidade, anulando a veleidade de jovens imaturos porem em risco os planos elaborados pelos técnicos; que manejem os meios de comunicação social, de modo a tê-los como encorajadores da ação governamental e não como tumultuadores do trabalho oficial. O homem, na antevéspera do século XXI, irá abrir mão da inteligência e da liberdade? Irá permitir que pensem por ele e por ele decidam?"

Descendo a pontos mais concretos, causas um pouco mais profundas da situação atual: "A educação que gerou nosso mundo, liberta ou escraviza?" Ao lado do sucesso mostrado em todos os campos, leve-se em consideração a multiplicidade de marginalizados, afastados dos benefícios advindos do progresso, afastados de poder sugerir qualquer coisa, afastados de qualquer decisão. "A educação estará falhando enquanto houver ditaduras, de esquerda ou de direita". A educação que liberta é perigosa talvez porque ajude a denunciar e superar o medo e o egoísmo.

"O DESERTO É FÉRTIL", que tem como sub-título "Roteiro para Minorias Abraâmicas", está há mais de cinquenta semanas entre os livros mais vendidos no Brasil. Foi publicado inicialmente na França (em 1971) e pela coragem com que os temas são abordados é um livro que precisa ser lido. O autor, Dom Helder Câmara, "é um 'zombiar', um morto-vivo que já incomoda bastante pela sua própria presença no território nacional".

(domingos sávio nunes)

O OUTRO ANIMAL

"O cão não late à toa, o seu latido
anuncia presença, movimento,
e pode ser profundo o sofrimento
que o faz também notar-se em seu ganido.

O cão é assim: atento e precavido;
se dorme, eis que desperta num momento!
Existe outro animal. Discernimento
tem mais que aquele acima referido.

O que discerne, todavia, não late,
mas fere, mas destrói, agride e mata
ao que como ele não se guia e acate,
Por isso a lei e a pena, a reunião e a ata:
— aquele é sempre amigo do que o bate,
— esse, ferido, a tudo desacata".

(in "A EXECUÇÃO DA LAVRA" — Edição 1976 —
ARTEMIO ZANON).

FOLIE DE DOUTE

(OLDEMAR OLSEN JR.)

Em letárgica prostração indiana
Contemplo a vida e, este encargo
Merencório, absorve o amargo
Existir insone na obsidiana

Arte patológica Freudiana.
Amo e odeio este largo
Poder embriológico do letargo
Vivo em utopia lipudiana.

Imaginando o centro nevrálgico
Em pantomimas de desespero, sorvo
Este último sonho e, nostálgico

Percebo assim o quanto sou pequeno
Necrosado na pequenez do estorvo
De pertencer à este mundo terreo.

Literatura Emocional

(Arnaldo S. Thiago)

Um dos elementos mais necessários à educação moral dos Espíritos, indispensável ao seu preparo substancial para a vida superior que lhe é traçada pelo Criador, consiste no esforço constante para o despertar da sensibilidade, para o que o influxo das emoções contribui poderosamente. Desprezado esse fator, como se acha atualmente, pela mentalidade materialista de que se acha impregnada a moderna literatura, oriunda de escritores e poetas encarnados, procuram os desencarnados, a todo transe, preencher essa condição indispensável ao cultivo das boas qualidades morais: pode-se bem constatar o fato na abundância da literatura médica que se expande cada vez mais, principalmente no Brasil, por ser "a pátria do Evangelho e o coração do mundo", como inteligentemente assinalou Humberto de Campos.

No passado podemos, entretanto, encontrar páginas admiráveis, nos domínios da literatura emocional, até em livros de natureza histórica, geográfica, etc., mas principalmente nos livros de poesia, de filosofia, de religião. Numa dessas obras da primeira categoria — CRISTOVÃO COLOMBO E A DESCOBERTA DA AMÉRICA — pelo sacerdote J.B. Lemoine, publicada em 1894, conquanto de natureza bastante tendenciosa, no sentido de dar ao clero hespanhol a primazia no fato histórico devido a energia e a visão intelectual de Colombo, encontra-se esta brilhante página sobre as tremendas dificuldades que teve o descobridor de vencer, para atingir ao seu genial propósito:

"Estava a cair a noite de 10 de outubro de 1492, e as três náus, segundo as ordens que ele dera, deviam achar-se visinhas. Era este o instante combinado para a revolta. A *Pinta* e a *Nina* alcançaram a *Santa Maria* e tomaram-lhe os lados; enquanto os irmãos Pinzon, seguidos de suas equipagens, subiram a nau almirante arremeteram logo contra Colombo e, desembainhando as espadas, intimaram-lhe dirigisse as proas para Hespanha, ou o lançariam ao mar. Alguns já se haviam apoderado do leme, outros dos cabos por que se regulam as velas. Embora tão repentinamente assaltado, não perdeu Colombo a sua coragem, e reunindo todas as forças do seu coração, lançou sobre eles um olhar cheio de tanta intrepidez e majestade, que aqueles irritadíssimos homens sentiram-se subitamente abatidos; abaixaram as suas espadas, ficaram irresolutos e perplexos. Certamente a Providência Divina fez brilhar naquele momento um misterioso poder sobre o rosto de Colombo, o qual, aproveitando-se da improvisada confusão de seus assassinos, levantou solenemente a sua voz para condenar tanta impiedade: pouco a pouco passou a repreender e ameaçar: quando outrem teria reputado grande ventura lançar-se a seus pés para implorar merce e a vida. Declarou que partira de Hespanha a procura das Índias e queria continuar a sua viagem, até que, com auxílio de Nosso Senhor, as houvesse achado. E mostrando-lhes terem sido as murmurações causa de tal excesso, proibiu se censurassem pelo avante a sua conduta, ou se queixassem das disposições que ele, consultando a sua prudência, julgasse oportunas. Causa admirável! Os marinheiros pasmados diante de tanta coragem, olharam-se em rosto uns dos outros e assegurados que breve se descobriria terra, retiraram-se a seus navios. Assim é que Deus prova e protege a seus heróicos filhos". (Segue-se a descrição do que se passou no dia seguinte, 11 de outubro e o historiador continua a sua interessante maneira de narrar os acontecimentos):

"Eram duas horas depois da meia-noite; de improviso brilha um relampago e um tiro de canhão parte da *Pinta*. Gritos e clamores prolongados sucedem aquele ruído: terra! terra! e todos os olhares fitaram-se numa como faixa obscura que, apesar das trevas, via-se surgir no horizonte. Colombo caiu de joelhos, com os olhos cheios de lágrimas e erguendo as mãos para o céu, entoou o hino *Te Deus laudamus*. Toda a equipagem, possuída de um júbilo indescrevível, respondeu à sua voz. Amainaram-se as velas e aguardou-se o apontar da aurora. Os suaves perfumes que vinham daquela terra misteriosa, o queixoso rumor das ondas a espregui-

çarem-se pelas praias, o vento rijo e quente que acariciava os rostos dos marinheiros, tudo atestava às equipagens, entretidas em se revestir de seus trajes mais esplendidos, que ao raiar do dia, veriam maravilhas inesperadas. Era o dia 12 de outubro de 1492".

O que mais nos emociona nesta adorável página, é a sublime fé, atestada pelo descobridor da América e que lhe garantiu a conquista dessa glória imortal.

Outra admirável página, de caráter emocional e altamente educativa, encontra-se no poema de Julio Dantas, intitulado *A CEIA DOS CARDEAIS*. Descreve o poeta, com as mais fortes tintas, aquelas cenas curiosas nas quais são vistos os cardeais Rufo e Montmorency, cheios de paixão e entusiasmo, contando as suas proezas amaras da juventude. Escuta-os em silêncio, o cardeal português Gonzaga, até que, acabando de falar os dois outros ao colega se dirigem: *A Eminência que diz?* e o cardeal Gonzaga, um tanto confrateado, responde: **(Conso quem acorda, os olhos cheios de luz, a expressão transfigurada):** "Em como é diferente o amor em Portugal. / Nem a frase sutil, nem o duelo sangrento... / É o amor coração, é o amor sentimento. / Uma lágrima... Um beijo... Uns sinos a tocar... / Um parzinho que ajoelha e que se vai casar... / Tão simples tudo! Amor que de rosas se inflora: / Em sendo triste, canta, em sendo alegre, chora! / O amor simplicidade, o amor delicadeza... / Ai, como sabe amar, a gente portuguesa! / Tecer de sol um beijo e desde tenra idade / Ir nesse beijo unindo o amor e a amizade. / Numa ternura casta e numa estíma sã, / Sem saber distinguir entre a noiva e a irmã... / Fazer vibrar o amor em cordas misteriosas, / Como se em comunhão se entendessem as rosas. / Como se todo o amor fosse um amor sómente... / Ai, como é diferente! Ai, como é diferente!" (E ao lhe perguntar o cardeal Rufo: Também Vossa Eminência amou? — responde o que já bastante alcançado em anos, cardeal Gonzaga):

"Também! Também. / Pode-se lá viver sem ter amado alguém! / Sem sentir dentro d'alma, ah, pode-la sentir! / Uma saudade em flor, a chorar e a rir! / Se ame! Se ame! — Eu tinha uns quinze anos apenas, / Ela treze. Um amor de crianças pequenas. / Como uma nuvem d'ouro ao abrir da manhã... Era minha priminha. Era quasi uma irmã. / Bonita não seria... Ah, não... Talvez não fosse... / Mas que profundo olhar, e que expressão tão doce! / Chamava-lhe eu, a rir, a minha mulherzinha... / Nós brincávamos tanto. Eu senti-a tão minha! Toda a gente dizia em pleno povoado: / Não há noiva melhor para o senhor morgado, / Nem em capela antiga há santa mais santinha... / E eu rezava baixinho: É minha! É minha! / Quanta vez, quanta vez, cansados de brincar, / Ficamos a olhar um para o outro, a olhar, / Todos cheios de sol, ofegantes ainda... / (Numa grande expressão de dor): Era feia, talvez, mas Deus achou-a linda... e Afinal / Foi esse anjo, ao morrer que me fez cardeal! E eu hoje sirvo a Deus, ao Deus que m'a levou..."

Cardeal Rufo e cardeal Montmorency (limpando uma lágrima furtiva): Foi ele, de nós tres, o único que amou!"

Desculpadas algumas pequenas falhas na transcrição desses admiráveis versos, foi assim que Julio Dantas concluiu o seu empolgante poema. E quanta emoção de ordem superior nos transmitem esses versos de um colorido poético sem igual, dos quais se expande até o fundo da nossa alma suavíssima emoção, a elevar-nos, purificado o sentimento, as mais altas regiões da poesia e da íntima satisfação moral!

Infelizmente, essa espécie de literatura emocional está modernamente sendo substituída por um arremedo de verso, que nem mesmo tem a forma gráfica do verso, as mais das vezes destituído de pundonor, caprichando mesmo em desbordar pelos caminhos da devassidão na linguagem... **Morresco referens!**

Por isso, os escritores e os poetas, livres da carne que materializa muitas vezes as mais altas disposições levando-as ao sensualismo da literatura, do que é exemplo o mesmo Humberto de Campos, autor espiritual de "*BRASIL, CORAÇÃO DO MUNDO, PÁTRIA DO EVANGELHO*", descem agora aos nossos meios intelectuais, pelas mãos de médiuns poderosos, como Francisco Candido Xavier e alguns outros, para trazer-lhes prosa e poesia de verdade, daquela espécie de prosa consagrada às grandes emoções da alma humana, daquela Poesia iluminada de amor, que fez a glória de tantos aedos, como Victor Hugo, na França; Byron, na Inglaterra; Goethe, na Alemanha; Dante, na Itália; Julio Dantas em Portugal; Castro Alves, no Brasil, iluminando a vida dos povos e procurando elevá-los das sombras da Terra para as luminosidades do Astral Superior.

COMUNICADO

As matérias inseridas neste jornal podem ser reproduzidas no todo ou em partes, desde que citada a fonte.

MACBETH - O Teatro de Shakespeare & Magia, o alienamento pela Ilusão

A principal fonte da tragédia Macbeth é a Crônica da Inglaterra e da Escócia, de Holinshed, publicada em 1577, que, por sua vez, se inspirou na Scotorum História, de Hector Boece (1526). Influuiu para a escolha do assunto a subida ao trono do novo soberano, cuja fisionomia literária não deixou, também, de fazer-se sentir no elemento fantástico da peça, representado pelas bruxas fatídicas que, com suas profecias, deflagraram as tendências para o crime que dormitavam na alma de Macbeth. As idéias de Shakespeare sobre feitiçarias e bruxaria se distinguem totalmente das de seus contemporâneos, desde os soberanos coroados até o populacão crendeirola, passando pelos eruditos e pelos sacerdotes de todas as confissões.

Mas, ao fazer trabalhar as suas bruxas, Shakespeare se aproveita de todos os elementos que lhe fornecia a superstição popular. É durante a noite ou na meia luz do crepúsculo que decorrem as principais cenas da tragédia, não perdendo o poeta oportunidade de nos sugerir uma atmosfera de mistério e terror, com pios, gritos estranhos, batidas de gelar o sangue. Principalmente de Macbeth, em que pese à sua bravura, tantas vezes posta à prova nos campos de batalha. É essa reação que empresta grandeza à figura do herói, porque nos revela o conflito que lhe vai na alma e a bondade latente que sempre ofereceu resistência aos engodos de seus sonhos de grandeza e às injunções da ambição desmedida de sua lady. A luta íntima que se trava entre essas tendências opostas se traduz pela repugnância inicial que lhe causava a idéia do crime. Traduz-se também, pelas alucinações: a que ficou sujeito depois de criminoso, sendo típicas a do punhal que se lhe apresentava à vista (antes de cometido o crime), e a de visões, (depois), quando mais bem consolidada parecia sua posição. Alguns contrastes de situações se revelam como recurso literário de grande efeito, tanto à leitura como à representação da peça. A de criar situações totalmente imprevisíveis, quando tudo haja tido como seguro, sólido sem alterações. É o que acontece no final da primeira cena no ato IV, quando logo depois das feitiçarias lhe haverem profetizado que nada teria a temer de nenhum homem nascido de mulher, ouve barulhos de cavalos, no momento em que mais confiante no futuro ele se mostrava.

E o que pode nos mostrar uma peça medieval no cibernético mundo do século XX — ... MACBETH — ... Estrelas, escondi a luz jucunda, / para que a escuridão não veja funda / de meus negros anseios! Que na frente / da mão o olho se feche prestezamente; / mas que se concretize o que, acabado, / faça o olho estremecer de horrorizado.

Nada pode nos mostrar uma peça já acontecida em tantos centênios adormecidos que não tenha sido visto. Mas seu significado, este sim, podemos despertar não dos contênios, para quem nunca foram calados; mas à recordação de nossas mentes entocadas ou bitoladas nessas sombras verdejantes que nos circundam.

E vivemos nós alienados, felizes num paraíso caricato, num belo globo efervescido em neuroses que se alastram como peste maligna, não fazendo muita distinção entre o gabinete presidencial em Washington ou algum gueto do Harlem; entre as prisões siberianas ou os colonos do nosso interior. E o que se procura então? Apesar de toda a evolução das ciências, dos satélites artificiais, não conseguiu o homem livrar-se das fantasias herdadas que os milênios acumularam como tampouco conseguiu impressionar-se com a precisão fria e calculista dos laboratórios. Parece que podemos afirmar que faz parte da essência humana a necessidade da ilusão.

Palavras e magia, constituem a simples resposta. E magia é a que nos interessa. Se o cientista a analisa para a explicação de fenômenos passados; se o milionário a procura para divertir-se; o proletário a procura para alimentar-se. E o pão único do miserável que o faz derramar em êxtase o esperma da sua continuidade. E o pão único do miserável que o faz erguer-se nas manhãs, para arrastar-se num eterno cotidiano pelos beirões ou lamber a poeira dos centavos.

E a vela, símbolo da pessoa isolada no universo, que acende escondido o rapaz que não consegue se estabilizar no emprego; que segura duvidoso o universitário matreiro em suas "investigações"; a moça que não consegue casar; a mãe da criança anêmica. Todos procuram banir a treva que o encalha na vida, seja o azar, o baixo astral ou o mau olhar, através da luz trêmula — símbolo emprestado ao homem, o poder pelo qual "poder-se-ia fazer sol na terra.

... MACBETH — Se feito fosse feito, / seria bom fazermolo de pronto. / Se o assassinio enredasse as conseqüências e alcançasse, com fim, êxito pleno; / se este golpe aqui fosse tudo, e tudo / terminasse aqui em baixo, aqui somente, / neste banco de areia da existência, / a vida de após morte arriscaríamos. / Mas é aqui mesmo nosso julgamento / em semelhantes casos; só fazemos / ensinar as sentenças sanguinárias / que, uma vez aprendidas, em tormento / se viram do inventor. Essa justiça serena e equilibrada a nossos lábios / apresenta o conteúdo envenenado / da taça que nós mesmos preparáramos. / ...

... LADY MACBETHS — ...Vosso rosto, meu thane, é um livro aberto / em que podemos ler coisas estranhas. / Para o mundo enganardes, a aparência / tomai do mundo; tende boas-vindas. / nas mãos, nos olhos e na própria língua; / a todos parecei flor inocente, / mas sêde a serpe que na flor se esconde. / ...

Tudo é perdido, / quando o desejo fica repartido. / Toca ao morto decerto melhor sorte / que a de alegrar-se assim quem lhe deu morte. / ...O que não tem remédio, não devera / ser pensado sequer. O que está feito, / não está por fazer. /

toalhas



ARTEX

A moda em toalha

Blumenau - SC

Mini Mercado
Frambreria Globo

Rua XV de Novembro, 1464 (em frente ao Banco do Brasil) — Fone — 22-5036

BLUMENAU — SANTA CATARINA

ENTREGA A DOMICILIO

TOPOGRAFIA

PAVIMENTAÇÃO

Hayashi & Cia. Ltda.

CONSTRUÇÃO CIVIL

TERRAPLENAGEM

Rua Bahia, 1957 — Caixa Postal, 703 — Fone, 22-0635

BLUMENAU — SANTA CATARINA

LIVROS**Na Livraria Universitária**

MAUSSAUD MOISES — ... A Literatura portuguesa através dos textos

A minha glória é esta:

Criar desumanidade!

Não acompanhar ninguém.

— Que eu vivo com o mesmo sem vontade
Com que rasguei o ventre a minha Mãe.

Deus e o Diabo é que me guiam, mais ninguém.

Todos tiveram pai, todos tiveram mãe.

Mas eu, que nunca princípio nem acabo,

Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo.

(Poemas de Deus e do Diabo, 4a. ed. Lisboa, Portugal, 1955, pp. 108-110).

É uma obra autônoma, que pode ser encarada em si, com princípio, meio e fim, e características próprias. Para tanto, os textos foram organizados em ordem histórica, e cada época, período, tendência o autor abre com uma rápida informação, que visa exclusivamente a situar, do ponto de vista cronológico, os textos antológicos e orientar o consulente na sua leitura. Atribuiu-se um pouco mais de ênfase aos autores modernos: A Literatura Portuguesa contemporânea, além de interessar de perto ao leitor, apresenta uma diversidade e uma riqueza que justificam plenamente o elenco de escritores atuais enfiçados.
Editora Cultrix — Cr\$ 70,00.

— x —
JOSE MAURO DE VASCONCELOS — primeiro capítulo
as confidências de O Amanhecer de Deus
frei abóbora

O frio desembrulhara-se todo como uma cortina de gelo estufado a contorcer-se no ventre da noite. Por sua vez a noite caminhara pelas longínquas estrelas do céu, indiferente a solidão e tristeza do homem. E o homem, embuçado na sua pequenez, enrolado nas velinas cobertas umedecidas de orvalho, quase se precipitava dentro da pequenina coivara, para tremer um pouco menos. Noite de fim de maio, de começo de verão na selva, esfriara tanto que já agora o nascer da madrugada afastara todas as aves, e se por acaso aparecia um grito, este vinha entrecortado de angústia e desconforto. Frei Abóbora remexeu-se, encolhendo-se todo no velho cobertor. Que Deus amanhece-se logo a vida e trouxesse os dourados galhos de sol para aquecer as esperanças. Nem conseguia dormir.

Artista do cinema e da televisão; antes de tudo, porém, contador de histórias. "Quando a história está inteiramente feita na imaginação", revela o escritor, "é que começo a escrever. Só trabalho quando tenho a impressão de que o romance está saindo por todos os poros do corpo. Então vai tudo a jacto". Definir melhor sua maneira de contador, seu estilo? Somente lendo seus romances.

Editora Melhoramentos — Cr\$ 30,00.

Livraria Universitária

Rua XV de Novembro, 340, 2º andar, conj. 201, edif.
Londrina — Cx. Postal, 503

BLUMENAU — SANTA CATARINA

Filial em Florianópolis (SC): Rua Visconde de Ouro Preto, nr. 57, sobreloja 4, edif. Visc. de Ouro Preto.

FLORICULTURA MAESTRI

Rua Capitão Euclides de Castro, 91

BLUMENAU — STA. CATARINA

A Montanha Encantada

Maria José Dupré

111 páginas

Cr\$ 16,00

A Montanha Encantada é o segundo livro de Maria José Dupré, da coleção Cachorrinho Samba, destinada ao público infantil.

Como toda história dirigida às crianças, público dos mais exigentes, A Montanha Encantada oferece muita aventura, muita fantasia, muitas ilustrações, numa linguagem simples, clara e envolvente. As ilustrações em cores, são de Adelfo M. Suzuki e enriquecem a edição pela sua beleza e expressividade. Esta coleção de Maria José Dupré foi inaugurada com O Cachorrinho Samba, e continuará com A Mina de Ouro, O Cachorrinho Samba na Fazenda e O Cachorrinho Samba na Floresta, que brevemente serão lançados.

A MINA DE OURO

Maria José Dupré

112 páginas

Cr\$ 16,00

A Mina de Ouro é o terceiro volume da Coleção Cachorrinho Samba de Maria José Dupré, dirigida ao público infantil.

Dentro da linha dos outros títulos, O Cachorrinho Samba e A Montanha Encantada, o presente lançamento é cheio de aventura e fantasias, expressas em linguagem simples, clara e envolvente, bem a gosto da criança, público dos mais exigentes. Como todas as edições da coleção, A Mina de Ouro é fartamente ilustrada por Adelfo M. Suzuki, que com sua arte valoriza e enriquece o texto.

EDITORA ÁTICA

RUA BARÃO DE IGUAPE, 110

CAIXA POSTAL, 3656 — SAO PAULO

Suavidade,

leveza,

alegria,

liberdade,

e beleza...

MALHAS HERING

lhes asseguram tudo

isso

com muito amor.

 malhas
Hering

